

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA AMARAL

**O EMBATE EM PROL DO MONOPÓLIO SIMBÓLICO DURANTE A
REVOLUÇÃO FRANCESA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA UMA NOVA
ABORDAGEM EM SALA DE AULA.**

Mariana

2025

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA AMARAL

**O EMBATE EM PROL DO MONOPÓLIO SIMBÓLICO DURANTE A
REVOLUÇÃO FRANCESA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA UMA NOVA
ABORDAGEM EM SALA DE AULA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de história da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira

MARIANA

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A485e Amaral, Pedro Henrique de Oliveira.

O embate em prol do monopólio simbólico durante a revolução francesa [manuscrito]: uma proposta pedagógica para uma nova abordagem em sala de aula. / Pedro Henrique de Oliveira Amaral. - 2025. 41 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Revolução Francesa. 2. Políticas - Revolucionárias. 3. Educação - Estudo e ensino. 4. Educação básica. I. Ferreira, Daniel Wanderson. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.013

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Pedro Henrique de Oliveira Amaral

O embate em prol do monopólio simbólico durante a Revolução Francesa: uma proposta pedagógica para uma nova abordagem em sala de aula

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História

Aprovada em 25 de agosto de 2025.

Membros da banca

Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Mestre João Marcelo Struchi Bebiano de Amorim - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Daniel Wanderson Ferreira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/08/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Wanderson Ferreira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/08/2025, às 09:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0966849** e o código CRC **E2DCB2E6**.

Dedico este trabalho ao meu pai Fernando Amaral, minha mãe Luciana Amaral e a minha irmã Maria Fernanda Amaral, que se dedicaram em minha criação, me apoiaram em cada instante da minha vida e que eu amo tanto. Dedico também à minha namorada Livia Lopez por todo o apoio, carinho e amizade. Por fim agradeço, ao meu grande amigo e professor Doutor Daniel W. Ferreira que me auxiliou tanto academicamente quanto pessoalmente em minha formação humana e profissional.

Cultura é regra, arte é exceção
(Jean Luc Godard)

Resumo

O presente trabalho tem por principal objetivo explorar a faceta teórica sobre a Revolução Francesa que é pouco abordada nas escolas, percebendo as possibilidades do tema em sala de aula. A análise se constitui como uma proposta para investigar como a Revolução aparece em livros didáticos e analisar como o estudo dos símbolos criados durante o processo revolucionário, contribuem para o estudo da Revolução no ensino básico. O trabalho busca compreender como as obras de Jacques Louis David participaram do campo de embate político em prol do monopólio simbólico nacional. Pretende-se a partir daí, criar uma reflexão que permita uma intervenção pedagógica para auxiliar os professores da educação básica a proporcionarem uma abordagem mais profunda sobre o marco histórico revolucionário francês.

Palavras-chave: Revolução Francesa, simbologia, prática política revolucionária, Jacques Louis David e ensino básico.

Résumé

L'objectif principal de ce travail est d'explorer l'aspect théorique de la Révolution française, rarement abordé à l'école, et d'identifier le potentiel de ce sujet en classe. L'analyse propose d'examiner la manière dont la Révolution apparaît dans les manuels scolaires et d'analyser comment l'étude des symboles créés au cours du processus révolutionnaire contribue à l'étude de la Révolution dans l'enseignement primaire. L'ouvrage cherche à comprendre comment les œuvres de Jacques Louis David ont participé au débat politique sur le monopole symbolique national. À partir de là, l'objectif est de développer une réflexion permettant une intervention pédagogique pour aider les enseignants du primaire à approfondir leur compréhension du jalon historique de la Révolution française.

Mots-clés: Révolution française, symbolique, pratique politique révolutionnaire, Jacques Louis David et enseignement de base.

Abstract

The main objective of this work is to explore the theoretical aspect of the French Revolution that is rarely addressed in schools, identifying the potential of this topic in the classroom. The analysis proposes to investigate how the Revolution appears in textbooks and to analyze how the study of symbols created during the revolutionary process contributes to the study of the Revolution in primary education. The work seeks to understand how the works of Jacques Louis David participated in the political debate for the national symbolic monopoly. From this, the aim is to develop a reflection that allows for a pedagogical intervention to help primary school teachers provide a deeper understanding of the historical landmark of the French Revolution.

Keywords: French Revolution, Symbolism, revolutionary political practice, Jacques Louis David and Basic education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página do livro didático da Editora Moderna (2018), p. 54.....	19
Figura 2 – Página do livro didático da Editora Moderna (2018), p. 61.....	20
Figura 3 – Livro didático da Editora FTD (2024), p. 159.....	22
Figura 4 – Livro didático da Editora Scipione (2022), p. 85.....	23
Figura 5 – Livro didático da Editora Scipione (2022), p. 84.....	24
Figura 6 – <i>Os Lictores Trazendo a Brutus os Corpos de seus Filhos</i> (1789).....	31
Figura 7 – <i>O Juramento do Jogo da Péla</i> (1791).....	33
Figura 8 – <i>Marat Assassinado</i> (1793).....	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Obras didáticas utilizadas para análise no presente trabalho.....	16
Tabela 2 – Formação e atuação dos profissionais dos livros analisados.....	17

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – A Revolução francesa e os materiais didáticos	15
CAPÍTULO 2 – Outras possibilidades para se abordar a Revolução francesa	26
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A Revolução Francesa se constitui como o marco primordial de sustentáculo fundacional do período contemporâneo. Seus símbolos transcendem aquele momento e o próprio espaço revolucionário e dão mostras de suas influências na contemporaneidade francesa ainda hoje¹. Enquanto o Antigo Regime na França possui um fim estabelecido, em que suas representações simbólicas que se remete a um passado aparentemente longínquo, a Revolução não teve um desfecho definido, percebe-se uma volatilidade em investigações acadêmicas em que a representação de seus símbolos transcende o espaço revolucionário. Essa mobilidade das representações políticas e ideais revolucionárias do período pode ser interpretada através da arte, especialmente por meio dos quadros de J.L.David que materializou os símbolos e ideais revolucionários em seus quadros. Essa forma política de expressão participou do campo de conflitos entre revolucionários e contrarrevolucionários pelo monopólio simbólico francês.

A manifestação política estava presente em diversos âmbitos da vida cotidiana, como na pintura, nas cores da roupa, nos debates, nas conversas particulares, no uso de determinados objetos (como o barrete da liberdade). Entretanto, as várias formas de representação simbólica exercidas durante a Revolução e as práticas políticas para além de dias específicos do calendário, em que houve algo compreendido pela edição dos livros didáticos como imprescindíveis para a compreensão sobre a Revolução, não são frequentemente abordadas em sala de aula.

A insuficiência do livro didático para explicar o tema e a falta de mais tempo em sala de aula do professor de história no ensino básico, se configuram em um dilema para o ensino da Revolução. Diante disso, compreendendo os recursos didáticos disponíveis, enfatizamos que eles tornam o ensino sobre a Revolução Francesa cronológico, imobilizado no fim do século XVIII, e que aconteceu quase exclusivamente na câmara de deputados. Os quadros pintados durante e sobre a Revolução não são tratados como recursos imagéticos que elucidam os acontecimentos e refletem aspectos da mentalidade da época. Mas meras ilustrações que enfeitam o livro didático, pois as explicações sobre elas são escassas ou mesmo inexistentes. As pinturas conseguiam reunir os símbolos políticos, representavam os

¹ Segundo o artigo "**Les Français, la tête près du bonnet**", publicado no **Le Monde**, manifestações políticas recentes — envolvendo partidos como Partido Comunista, Partido de Esquerda, Novo Partido Anticapitalista e Lutte Ouvrière — adotaram simbolicamente o barrete da liberdade como referência histórica. Disponível em: Le Monde. *Les Français, la tête près du bonnet*. Le Monde, 3 dez. 2013. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2013/12/03/les-francais-la-tete-pres-du-bonnet_3524488_3232.html?utm_source=. Acesso em: 5 ago. 2025.

ideais que circulavam na época, e podem ser consideradas como uma das várias formas de prática política exercidas durante o período revolucionário.

Mesmo sendo a Revolução Francesa amplamente reconhecida como um dos eventos históricos mais importantes de ruptura histórica e entrada no espaço contemporâneo, por sua abordagem no ensino básico brasileiro frequentemente se limita a uma perspectiva cronológica, factual e superficial. Essa limitação prejudica a compreensão da complexidade da prática política simbólica do período, pois reduz os fenômenos inerentes do processo revolucionário a uma sucessão de datas e fatos desconectados de seus significados culturais, sociais e políticos. Diante deste cenário, a presente investigação justifica-se por propor uma abordagem alternativa que valoriza os símbolos revolucionários e suas disputas e práticas políticas, especificamente por meio da análise das pinturas do autor Jacques-Louis David.

O estudo justifica-se, assim, principalmente do ponto de vista pedagógico. Busca-se pensar em uma proposta prática de ensino sobre a Revolução que amplia as perspectivas interpretativas em sala de aula. Isso pode servir como forma de lidar com a temática, permitindo ao professor trabalhar com temas de mentalidade francesa revolucionária, cultura e práticas políticas e representação imagética em sala de aula. Assim, o trabalho contribui tanto para a historiografia quanto para o ensino de história no ensino básico, oferecendo um material para uma prática docente mais aprofundada sobre a multiplicidade de interpretações sobre a Revolução Francesa.

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza qualitativa e histórica, com ênfase na análise simbólica e iconográfica. A pesquisa é estruturada a partir de análise de livros didáticos de História. Em diálogo com artigos acadêmicos e textos historiográficos que tratam da Revolução Francesa, com a obra de Jacques-Louis David e buscando lidar com as práticas simbólicas e políticas do período, a ideia é tentar ampliar as formas de discutir esse movimento social.

Foram selecionados e analisados livros didáticos do ensino básico disponíveis online de 3 editoras diferentes: Moderna, Scipione e FTD. A análise seguiu nos capítulos que tratam da Revolução Francesa, com o objetivo de identificar como essas representações simbólicas podem ser (ou não ser) exploradas em sala de aula. Com base nas análises, foi elaborada uma proposta de intervenção pedagógica, estruturada em forma de plano de aula, com a intenção de contribuir para o ensino de história nos anos fundamentais da escola e a valorização da cultura simbólica e práticas políticas revolucionárias na docência.

Além disso, como objeto de análise dos símbolos revolucionários foram escolhidas três obras do pintor Jacques-Louis David: O Juramento do Jogo da Péla (1791), Marat Assassinado (1793) e Os Lictores Trazendo a Brutus os Corpos de seus Filhos (1789).

Essas pinturas foram escolhidas pois foram feitas durante o processo da Revolução Francesa. Elas foram analisadas como representações simbólicas que condensam sentimentos, ideais e disputas políticas, especialmente em relação ao sentimento do medo como articulador do campo de embate simbólico.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por fim investigar e analisar um aspecto da Revolução Francesa pouco abordado na educação básica brasileira. Os quadros de Jacques Louis David na formação e representação de símbolos e ideais revolucionários. Eles fizeram parte do confronto em um campo político em prol do monopólio simbólico francês.

CAPÍTULO 1 – A Revolução francesa e os materiais didáticos

A Revolução Francesa se constitui como uma baliza entre o Antigo Regime e sua organização e a contemporaneidade. Ela aconteceu em um processo multifacetado que permitiu engendrar correntes de pensamentos filosóficos, políticos e historiográficos, que ultrapassam o espaço de seu acontecimento e permeiam o mundo contemporâneo. O estudo de seus emblemas, símbolos, debates e representações são temas de discordâncias acadêmicas e discussões políticas, tornando a Revolução um objeto cultuado ou horrorizado a depender das convicções de seus intérpretes. Fazendo dela um tema importante para a compreensão do mundo que vivemos.

No ensino básico brasileiro a presença do tema ocorre no 8º ano, e pode aparecer no ensino médio, porém a abordagem dos livros didáticos usados na escola trata o tema de forma limitada. Comumente, como uma transição do Antigo Regime para a era Napoleônica (compilando os dois temas no mesmo capítulo) ou tratando de um assunto específico do período, fazendo a Revolução ser abordada de forma breve. Ambas as formas podem carecer de um material complementar específico sobre a Revolução, que contribua para o ensino da matéria.

A seleção das obras analisadas neste trabalho se baseia em critérios de relevância pedagógica, inserção oficial no sistema educacional brasileiro e disponibilidade pública, respeitando os parâmetros estabelecidos pelo Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). A obra "Jovem Sapiens – História (8º ano)" foi aprovada no PNLD 2024 – Objeto 1, o que assegura sua ampla utilização nas escolas públicas brasileiras e sua conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Logo, trata-se de um material oficialmente validado pelo Ministério da Educação e amplamente distribuído na rede pública, o que a torna representativa das práticas pedagógicas contemporâneas no ensino de História

As outras duas obras, ainda que não estejam explicitamente listadas no PNLD, são materiais amplamente divulgados por editoras tradicionais do setor didático (FTD e Moderna) e apresentam conteúdos que envolvem a Revolução Francesa. A inclusão delas na análise leva em conta a suas relevâncias editoriais, circulação entre docentes, e por representarem diferentes abordagens metodológicas sobre a Revolução. Além disso, sua acessibilidade digital permite um exame detalhado e transparente, o que é coerente com os princípios do presente trabalho.

Ademais, a escolha dessas obras responde ao interesse em comparar diferentes construções narrativas e visuais sobre a Revolução, considerando tanto materiais aprovados oficialmente quanto conteúdos que circulam amplamente no cotidiano escolar e são facilmente acessados pela internet. Essa abordagem busca compreender não apenas o conteúdo formalmente validado, mas também os materiais que, mesmo fora do circuito oficial, influenciam a prática docente e a formação da consciência histórica dos estudantes sobre a Revolução Francesa. A pluralidade das editoras pode ser percebida na tabela 1 e a formação e atuação dos docentes na tabela 2:

Tabela 1: Obras didáticas utilizadas para análise no presente trabalho.

COLEÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTOR(ES)	EDITORA E EDIÇÃO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO
História: escola e democracia	2018	Flavio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff	Moderna, 1°	São Paulo
Jovem Sapiens História	2022	Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini	Scipione, 1°	São Paulo
História por toda parte	2024	Gislane Campos Azevedo Seriacopi, Reinaldo Seriacopi	FTD, 1°	São Paulo

Fonte: <https://www.calameo.com/read/0028993278851e30b9d72?authid=hcbdXYJtK52w>;
https://issuu.com/editoraftd/docs/imm0000080081p240100208040_cara-reduz;
<https://www.edocente.com.br/pnld/obra/jovem-sapiens-historia-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/>.
 Acesso em: [13/06 2025]

Tabela 2: Formação e atuação dos profissionais envolvidos na construção dos livros didáticos utilizados analisados no presente trabalho.

NOME	FORMAÇÃO ACADÊMICA	INSTITUIÇÃO ONDE LECIONA
Flávio de Campos	Graduação em História (PUC-SP, 1986); Mestrado (USP, 1993); Doutorado (USP, 2000).	Professor de História Medieval no Departamento de História da USP; também leciona no curso de pós-graduação em História Sociocultural do Futebol.
Regina Claro	Mestrado em História Social com ênfase em História da África (USP, 2001-2004); Doutorado em andamento em Educação na USP (desde 2015).	Atua na capacitação de professores da rede pública de ensino (história e cultura africana/afro-brasileira); sem vínculo universitário declarado.
Miriam Dolhnikoff	Graduação em História (PUC-SP, 1986); mestrado e doutorado em História Econômica/Social (USP, 1993/2000).	Professora da Universidade de São Paulo (USP) – FFLCH e IRI-USP.
Adriana Machado Dias	Licenciatura em História (UEL-PR, 1991); Psicologia (ULBRA, 1997); Especialista em Ensino de História (UEL); Mestrado em Gestão Educacional (Unisinos, 2017).	Professora em escolas da rede privada (história); autora de livros didáticos (PNLD 2026).
Keila Grinberg	Doutora em História do Brasil (UFF, 2000; estágio na University of Maryland, 1998–99); pós-doutoranda na University of Michigan (2011–12) e NYU (2017–18).	Professora Titular, Departamento de História da University of Pittsburgh; professora licenciada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
Marco César Pellegrini	Doutor e docente na área de Engenharia Mecânica (Industrial Mechanical Plants).	Associate Professor (desde 2024) no Departamento de Engenharia Industrial da University of Bologna, Itália.

Gislane Campos Azevedo Seriacopi	Graduação e Licenciatura em História (PUC-SP, 1992-1993); Mestrado em História (PUC-SP, 1995).	Autora de livros didáticos (área de História) e professora universitária e da rede básica (pública e privada) – sem instituição universitária específica mencionada.
Reinaldo Seriacopi	Graduação em Comunicação Social – Jornalismo (Metodista de SP, 1989) e Letras – Português (USP, 1997).	Autor de livros didáticos; atuação como professor (não universitário) não identificado. Colaborou com Gislane Seriacopi em editoras e projetos didáticos.

Fonte: Dados colhidos do site escavador. ESCAVADOR. **Currículos e informações públicas de pessoas físicas**. Disponível em: <https://www.escavador.com/>. Acesso em: 5 ago. 2025

A análise dos livros didáticos demonstrou que temas sobre mentalidade Revolucionária, as práticas políticas e simbólicas e a pintura como uma forma de interpretar a Revolução, aparecem de maneiras relevantes, mesmo possuindo limites que merecem atenção. O livro é a principal ferramenta que os alunos podem recorrer, ele oferece um panorama articulado dos fundamentos iluministas, dos atos políticos e simbólicos e das representações artísticas da Revolução. Comumente, a mentalidade é apresentada de forma contextualizada, as práticas políticas e simbólicas são conectadas ao âmbito político e social e a pintura é usada como recurso visual para auxiliar na compreensão histórica. Entretanto, se observa que nem sempre o potencial interpretativo desses elementos é explorado no material didático. Esse fator abre espaço para que o professor complemente suas aulas com materiais didáticos que auxiliem no processo de aprendizagem dos alunos, funcionando como recurso adicional para uso do professor.

O material didático muitas vezes é o principal recurso disponível para os professores², e nesse sentido ele cumpre um papel fundamental no ensino básico. Esse material, que é de suma importância para o professor, é construído por profissionais de alta formação acadêmica e a divergência nas experiências profissionais deles garante rigor historiográfico. Entretanto, a qualidade dos envolvidos na construção do material didático não elimina as limitações estruturais próprias do livro didático. Pois, a necessidade de

² Em um estudo do professor Faversoni sobre o livro didático ele ressalta: “Destaca-se que, em muitos casos, o livro didático é o único material disponível não só para alunos, mas também para professores” FAVERSANI, Fábio. **Ler e escrever livros didáticos**. Hélade – Revista Eletrônica de História Antiga, número especial, 2001, p. 15.

síntese e o alinhamento às diretrizes curriculares tende a limitar as análises. Os exemplos abaixo buscam demonstrar estas limitações no ensino sobre a Revolução:

Figura 1 e 2 - Páginas do livro didático da editora Moderna (2018).

2º Bimestre

CAPÍTULO 4

A Revolução Francesa e o Período Napoleônico

PORTAS ABERTAS

1 OBSERVE AS IMAGENS

Grande parte dos episódios da Revolução Francesa foi representada por pinturas, esculturas, desenhos e gravuras. Muitos desses registros imprimiram tons dramáticos e tornaram célebres esses acontecimentos.

As imagens selecionadas para esta seção fazem referência a alguns dos principais momentos da história francesa e da revolução, mas estão fora da sequência histórica correta. Analise-as cuidadosamente, leia atentamente as suas identificações e, no seu caderno, organize-as na sequência correta.

2

MUSEU DE HISTÓRIA DA FRANÇA, PALÁCIO DE VERSAILLES, FRANÇA



1

General Bonaparte no Conselho dos Quinhentos, Saint Cloud em 10 de novembro de 1799, François Bouchot. Óleo sobre tela, 1840.

MUSEU NACIONAL, PALÁCIO DE VERSAILLES, FRANÇA



2

O juramento na sala do jogo da pela em 20 de junho de 1789, Jacques-Louis David. Desenho em nanquim e guache sobre papel, 1791.

54 CAPÍTULO 4 | A Revolução Francesa e o Período Napoleônico

Fonte: CAMPOS, Flávio de. **História: escola e democracia**/ Flávio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff.- 1. ed. –São Paulo: Moderna, 2018. - (história: escola e democracia). Pág. 54. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0028993278851e30b9d72?authid=hcbdXYJtK52w> Acesso em: [13/06 2025].

OS JACOBINOS NO PODER

Para enfrentar a crise, os jacobinos criaram os comitês de **Salvação Pública** e de **Segurança Geral**. Uma nova Constituição foi escrita em 1793, estabelecendo, pela primeira vez, o voto universal masculino. Além disso, a escravidão nas colônias francesas foi abolida e a prisão por dívidas foi proibida. Foi elaborado um plano para a educação pública gratuita. Para conter a inflação, estabeleceu-se a **Lei do máximo**, que fixava os preços do pão e outros artigos essenciais e elevava o valor dos salários. Eram medidas que atendiam a reivindicações dos trabalhadores urbanos.

Para combater a invasão estrangeira, os jacobinos recrutaram todos os homens solteiros entre 18 e 25 anos. Era a nação em armas: cidadãos-soldados comandados por oficiais que haviam demonstrado capacidade no campo de batalha.

Maximilien de Robespierre (1758-1794), líder jacobino e leitor de Rousseau, idealizava a criação de uma República da Virtude, sem reis ou nobres, sem extremos de riqueza ou pobreza. Seria composta de pessoas livres, socialmente iguais e educadas pela razão. Para alcançar seus objetivos, Robespierre perseguiu severamente os inimigos da república: girondinos que criticavam o governo jacobino, padres, nobres e camponeses contrarrevolucionários e especuladores que escondiam alimentos. Esse regime de repressão exercido por Robespierre ficou conhecido como o **Grande Terror**.

Instituído em uma época de crise, o Terror foi se abrandando à medida que o medo de uma conspiração da nobreza diminuía. Enfraquecido e isolado, Robespierre acabou sendo preso e guilhotinado em 27 de julho de 1794.

O jornalista jacobino Jean-Paul Marat era deputado da Assembleia Constituinte. Marat contribuiu para a condenação de Luís XVI e a queda dos girondinos. Era uma espécie de porta-voz radical dos setores populares do jacobinismo. Seu apelido era "o amigo do povo". Na noite de 13 de julho de 1793, morreu apunhalado pela monarquista Charlotte Corday (é possível ver a faca, no chão, em primeiro plano na cena). Sua atuação e sua morte trágica tornaram-se símbolos da Revolução Francesa.



A morte de Marat,
Jacques-Louis David.
Óleo sobre tela, 1793.

TÁ LIGADO ?

13. Liste as medidas aprovadas pela Constituição de 1793.
14. Explique o que era a Lei do máximo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998

MUSEU REAL DE BELAS ARTES, BRUXELAS, BÉLGICA

Fonte: CAMPOS, Flávio de. **História: escola e democracia/** Flávio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff.- 1. ed. –São Paulo: Moderna, 2018. - (história: escola e democracia). Pág. 61. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0028993278851e30b9d72?authid=hcbdXYJtK52w> Acesso em: [13/06 2025].

A primeira figura possui no canto esquerdo instruções que orientam os alunos a interpretarem quadros selecionados para sessão sobre Revolução Francesa. A proposta ressalta que grande parte dos acontecimentos foram registrados na arte de forma dramática, elemento que os tornou célebres, e pede aos alunos para organizarem as imagens de acordo com a sequência correta. Essa proposta pode estimular o uso da arte como fonte histórica pelos alunos, favorecendo a leitura imagética. Contudo, a explicação sucinta sobre a simbologia presente nas representações pode levar o aluno a associar a relevância dos eventos ao fato de eles terem sido representados por artistas, estabelecendo, ainda que involuntariamente, uma hierarquia entre os acontecimentos. Apesar dessa limitação, o exercício proposto trabalha a consciência histórica dos alunos ao pedir para que eles reconheçam a temporalidade que as imagens pertencem.

Na segunda figura, o texto destaca a participação de protagonistas específicos como propulsores da Revolução, elemento que pode favorecer a clareza e a linearidade da exposição. Porém, o texto carece de uma análise mais aprofundada das práticas políticas e dos processos simbólicos que esses protagonistas desenvolveram. Essa limitação abre espaço para que o professor utilize recursos didáticos complementares para ampliar a análise com os alunos sobre as práticas políticas e simbólicas usadas na Revolução por esses protagonistas.

A terceira figura, presente em um livro didático destinado ao 1º ano do ensino médio, apresenta a criação dos direitos humanos como um produto do contexto revolucionário. A escolha do tema é relevante por tratar de um tema que pode ser considerado um marco jurídico fundamental para a contemporaneidade. O tema pode ser abordado nas escolas através de debates sobre igualdade e cidadania, mediados pelo professor. O destaque desse tema no livro didático, pode incentivar o aluno a compreender a importância desse documento em processos de democratização. Entretanto, a abordagem do texto não se aprofunda no contexto específico da Revolução. Essa forma de abordagem auxilia na compreensão do conceito, porém carece de uma análise sobre as práticas políticas e simbólicas e as disputas sociais que possibilitaram sua formulação. Logo, o potencial pedagógico da proposta pode ser melhor explorado com o uso de materiais didáticos complementares pelo professor, principalmente nos debates que o tema emerge em sala de aula a fim de se aprofundarem sobre o processo revolucionário.

Figura 3 - Página do livro didático da editora FTD (2024).

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



CAPÍTULO 8

» A Revolução Francesa e a noção de cidadania

As ideias iluministas estiveram também na base da Revolução Francesa (1789-1799), que teve como lema “liberdade, igualdade e fraternidade” e pode ser considerada o ápice do processo histórico de luta por direitos civis iniciado no século XVIII. O movimento foi liderado pela burguesia, mas dele também fizeram parte outros grupos sociais, como camponeses e trabalhadores urbanos.

Os revoltosos pertenciam ao chamado Terceiro Estado, maior grupo social da França, e eles se rebelaram (no dia 14 de julho, conhecido como Dia da Bastilha) contra o absolutismo do rei Luís XVI (1754-1793) e os privilégios do clero (Primeiro Estado) e da nobreza (Segundo Estado). Entre esses privilégios, estavam a isenção de diversos impostos e o direito a julgamentos em tribunais próprios.

A revolução se estendeu por dez anos, ao longo dos quais o movimento obteve avanços e enfrentou retrocessos. Porém, uma das conquistas mais importantes foi quando os revolucionários conseguiram decretar o fim dos privilégios da nobreza e do clero e proclamaram a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão**, em 1789.

Nos 17 artigos desse documento, os franceses procuraram reunir tanto as proteções legais dos direitos fundamentais como estabelecer as bases jurídicas do governo. Eles criaram uma sociedade de cidadãos juridicamente iguais. Em seu primeiro artigo, a declaração dizia que todos nascem e permanecem livres e iguais em direitos.

Nela também estavam assegurados o direito à propriedade, à segurança, à resistência à opressão, bem como à liberdade de imprensa. Estavam também proibidas ordens arbitrárias e punições desnecessárias. Uma característica inédita desse documento é que ele não era voltado exclusivamente ao povo francês; tinha um caráter universal. Ou seja, pretendia abarcar a humanidade como um todo, independentemente de país ou etnia. Começava a se consolidar, dessa maneira, a ideia de cidadania que conhecemos atualmente.

- Aviões da Força Aérea Francesa sobrevoam Paris durante a comemoração do Dia da Bastilha, em 14 de julho. Paris (França), 2024.



CHRISTIAN HARTMANN/REUTERS/FOTOARENA

DE MÃOS
DADAS

Consulte orientações no Manual do Professor.

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

- Em grupo, expliquem por que a frase “todos nascem e permanecem livres e iguais em direitos” pode ser considerada revolucionária para a época em que foi proclamada. Ao final, compartilhem a resposta com colegas.

Espera-se que os estudantes percebam que a frase traz em si a ideia de liberdade, igualdade e universalidade de direitos. Antes da Revolução Francesa, a sociedade da França era rigidamente dividida em três estados, com privilégios muitas vezes baseados no nascimento. A frase rompe com esses privilégios ao afirmar que todos têm direitos iguais.

159

Fonte: SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo. **História por toda parte: 1º a 3º ensino médio: volume único**/ Gislane Campos Azevedo Seriacopi, Reinaldo Seriacopi. – 1. ed.-- São Paulo: FTD, 2024. Pág. 159. Disponível em: https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000080081p240100208040_cara-reduz. Acesso em: [13/06/2025].

Figura 4 e 5 - páginas do livro didático da editora Scipione (2022)

Objetivos do capítulo

- Compreender o que foi a Revolução Francesa e analisar seus desdobramentos.
- Conhecer os contextos político, social e econômico da França na época da Revolução Francesa.
- Compreender a importância da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.
- Analisar os principais aspectos do Império Napoleônico.
- Conhecer os principais movimentos revolucionários de caráter burguês, entre eles, a Revolução Inglesa.

Justificativas

Este capítulo é dedicado à compreensão dos eventos que marcaram o fim do Antigo Regime e a ascensão da burguesia na condição de grupo político dominante na Europa. Em um primeiro momento, as transformações propiciadas pela Revolução Inglesa são abordadas, o que proporciona o desenvolvimento da habilidade **EF08HI02**. Em seguida, os alunos poderão compreender a Revolução Francesa e o período Napoleônico, relacionando esses acontecimentos aos seus desdobramentos na Europa e no mundo. Ao analisar esse contexto histórico, os alunos poderão problematizar a luta das mulheres pela igualdade de direitos e a importância da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Tais abordagens favorecem o desenvolvimento da habilidade **EF08HI04**.

A Revolução Francesa e o Império Napoleônico



4



*Epoques de la Revolution
Fuite de Louis à Versailles*

Fuite de Louis à Versailles Versailles 1791
Depuis la fuite de Louis à Varennes le 21 Juin 1791
à Paris le 21 Juin 1791 les femmes
marchent vers le Palais National

A

Marcha das mulheres francesas contra o Palácio de Versalhes, em 5 de outubro de 1789. Gravura, século XVIII.

84

A Revolução Francesa levou à queda da Monarquia absolutista na França e contribuiu para a ascensão da burguesia ao poder. Neste capítulo, vamos conhecer esse processo revolucionário, que promoveu diversas transformações sociais e garantiu direitos civis à população, mas também desencadeou um ciclo de grande violência entre os grupos políticos envolvidos.

Fonte: DIAS, Adriana Machado. **Jovem Sapiens História: 8º ano**/ Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. – 1. ed. – São Paulo: Scipione, 2022. (jovem Sapiens). Pág. 84.

Disponível

em: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/jovem-sapiens-historia-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-f-i-nais-ensino-fundamental/>. Acesso em: [13/06/2025].



B.

Execução do rei Luís XVI da França, em 21 de janeiro de 1793. Gravura, século XVIII.



C.

A coroação do imperador Napoleão I e a coroação da imperatriz Josefina na Catedral de Notre-Dame de Paris, em 2 de dezembro de 1804, de Jacques-Louis David e Georges Rouget. Óleo sobre tela, 621 cm x 979 cm, 1807.

Ativamente

Resposta e sugestões de condução nas orientações ao professor.

Atualmente, os historiadores entendem que a Revolução Francesa não foi um evento único, iniciado e finalizado em um curto espaço de tempo, mas sim um processo longo que se estendeu por pelo menos uma década, marcado por continuidades, rupturas, contradições e disputas entre os revolucionários.

Analise as imagens **A**, **B** e **C** e, com base em seus conhecimentos e nas informações trazidas pelas imagens, crie uma pequena história imaginando como ocorreu a sucessão de acontecimentos retratada na sequência de imagens. Em seguida, apresente sua história à turma e verifique as semelhanças e as diferenças entre as narrativas dos colegas.

85

Resposta

- Resposta pessoal. Espera-se que os alunos produzam um texto com base nos eventos representados nas imagens, verificando o que está subentendido nesses acontecimentos e refletindo sobre seus possíveis significados políticos. Eles podem escrever, por exemplo, que a marcha das mulheres

(**A**) representa descontentamento político e eferescência popular; já a execução do rei (**B**) simboliza rompimento monárquico e punição contra uma possível traição nacional; já a coroação de Napoleão e da imperatriz Josefina (**C**) representa a ascensão ao poder de um representante dos interesses da alta burguesia.

- A análise das imagens de abertura favorece uma discussão inicial sobre os temas do capítulo. Questione os alunos sobre a imagem **A**. Pergunte qual grupo social está representado, qual ação estão desempenhando e qual é a percepção sobre esse fato que o autor quis transmitir ao representar as pessoas, suas feições e os utensílios por elas utilizados. Quanto a imagem **B**, comente que a execução de Luís XVI simboliza o fim do Antigo Regime. Observe com os alunos como a cerimônia de execução foi representada, verificando o instrumento que era utilizado, a quantidade de pessoas presentes, quem eram essas pessoas, seus uniformes etc. Ao abordar a imagem **C**, chame a atenção para qual evento está representado e sua data. Pergunte o que tal cerimônia significava naquele momento histórico. Comente que, após dez anos de lutas pelo fim do governo monárquico, a política francesa foi marcada pela ascensão de um imperador, Napoleão Bonaparte.

- Verifique as impressões dos alunos sobre cada imagem e faça um levantamento de seus conhecimentos prévios sobre a Revolução Francesa. Após a realização da atividade, promova uma tomada de consciência para verificar as possíveis dificuldades na resolução. Promova também uma reflexão sobre o significado da palavra "revolução", listando os conceitos que os alunos associam ao termo.

85

Fonte: DIAS, Adriana Machado. **Jovem Sapiens História: 8º ano**/ Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. – 1. ed. – São Paulo: Scipione, 2022. (jovem Sapiens). Pág. 85. Disponível

em: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/jovem-sapiens-historia-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-f-i-nais-ensino-fundamental/>. Acesso em: [13/06/2025].

A quarta e quinta figura apresentam um exercício sobre a Revolução em que as imagens são utilizadas como um recurso de apoio de um livro didático exclusivo do professor (o livro do aluno é referente a imagem delimitada pelas bordas pretas). A proposta pede ao aluno para criar um texto a partir do que da sucessão de eventos representado nas imagens, ao fim os textos serão comparados entre os alunos e pelos alunos. Entretanto, apesar de serem as páginas introdutórias do capítulo, as explicações sobre o tema são limitadas. Ademais, o livro didático faz um uso criativo das imagens. Esse processo estimula o pensamento do aluno sobre a Revolução a partir dos significados das imagens. Esse processo pode ser complementado com um material complementar, para auxiliar na introdução do tema pelo professor e aprofundar o debate suscitado pelas semelhanças e diferenças entre os textos dos alunos.

Os livros selecionados permitem perceber o panorama em que o tema da Revolução Francesa se encontra nos livros didáticos. Apesar de suas limitações, ele é um recurso fundamental na educação básica brasileira. A sua ampla circulação, a construção dos conteúdos e a alta qualificação de seus autores formam um recurso imprescindível no aprendizado dos alunos e a principal ferramenta do professor. No entanto, a articulação entre os recursos didáticos complementares e o livro didático auxilia no aprofundamento do ensino sobre a Revolução, além de ajudar no desenvolvimento de consciência histórica e auxiliar na formação do pensamento crítico dos alunos.

Um dos recursos é o aprofundamento nas análises da simbologia presente nos quadros de Jacques Louis David produzidos durante o processo revolucionário e abordar a faceta de embate político pelo monopólio simbólico. Ambas as perspectivas podem ser aprofundadas em sala de aula pelo professor durante o ensino sobre Revolução como complementares ao livro didático.

CAPÍTULO 2 – Outras possibilidades para se abordar a Revolução francesa

As práticas políticas revolucionárias não são redutíveis simplesmente à atribuição de interesses econômicos e sociais políticos, há que se destacar a parte simbólica da Revolução. Principalmente porque a cultura política se exprimiu por intermédio de práticas simbólicas tanto linguísticas quanto imagéticas, e mesmo gestuais. Os revolucionários tentaram romper com o passado francês processo que criou novas relações sociais e políticas. Durante esse desenvolvimento inventaram diversas formas de interações simbólicas que seriam usadas para explicar as principais discordâncias em relação às reformulações e desdobramentos do processo revolucionário. Essa perspectiva pode contribuir para o ensino básico brasileiro e estimular debates em sala de aula e complementar as informações do livro didático.

Com a Revolução criou-se a necessidade de substituir os símbolos reais pelos revolucionários que representavam seus ideais. Primordialmente, os revolucionários manifestaram estar criando uma nova sociedade. Logo, a política não se limitava à retórica revolucionária com debates acerca das vontades da nação. Os símbolos e rituais que eram coletivos, reproduzíveis e sua eficiência mais duradoura em relação aos oradores, tornaram-se os próprios meios e fins do poder e não mais meras representações.³ Portanto, uma das várias facetas revolucionárias consiste no embate em prol do controle sobre o monopólio do poder simbólico nacional, que endossava suas convicções e os representava politicamente.

O simbolismo revolucionário não se limitava singularmente em grandes festivais e comemorações, estava presente no cotidiano da sociedade. O uso dos símbolos no vestuário possuía significados que transcendem o mero usual estético. Como bem expressa a historiadora Lynn Hunt:

Diferentes trajes indicavam diferentes políticas, e uma cor, o uso de determinado comprimento de calças, certos estilos de calçados ou o chapéu errado podiam desencadear bate-boca, troca de socos ou pancadaria generalizada. Durante a Revolução, até os mais ordinários objetos e costumes tornaram-se emblemas políticos e potenciais fontes de conflito político e social. Cores, adornos, vestes, louças, dinheiro, calendários e cartas de baralho tornaram-se "sinais de filiação" a um lado ou a outro. Esses símbolos não expressavam simplesmente posições

³ “Mais duradouros, por serem mais coletivos e reproduzíveis, eram os símbolos e rituais da revolução: árvores e barretes da liberdade, figuras femininas da liberdade e da República, e ocasiões rituais tão diversas quanto festivais, concursos escolares, eleições e reuniões de clubes. As formas rituais eram tão importantes quanto o conteúdo político específico. Os símbolos e rituais políticos não eram metáforas do poder; eram seus próprios meios e fins”. HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo. Tradução Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 2007. Pág.78.

políticas; eram os meios pelos quais as pessoas se apercebiam de suas posições. Tornando clara uma posição política, possibilitaram a adesão, a oposição e a indiferença. Dessa maneira constituíam um campo de luta política.⁴

Os oponentes da Revolução, por exemplo, revitalizaram ações carnavalescas populares em que se organizam procissões e desfiles adornados com máscaras. Em janeiro do ano 1793, no departamento de Gironda, precisamente em Bordeaux, decretou a proibição do uso de máscaras e disfarces, pois os revolucionários conceberam essas práticas de resistências simbólicas à Revolução como estimulantes da perversão. Essa prática contrarrevolucionária possuía raízes profundas na cultura popular da França, sendo usadas frequentemente durante as incursões dos bispos da reforma entre os séculos XVI e XVII em que utilizavam máscaras e santos locais a fim de defenderem suas identidades coletivas.⁵ Por conseguinte, os símbolos populares eram tomados como contrários às virtudes e ideias do Novo Regime. A notoriedade dos sentimentos e convicções dos revolucionários de estarem criando uma nova sociedade se evidencia, enquanto a reação dos incrédulos em relação aos novos símbolos se defendiam rememorando os símbolos coletivos do passado, constituindo um campo de embate político pelo controle dos símbolos nacionais, entre preservação da tradição e inovação dos ideais revolucionários, em que ambos estavam demasiadamente convictos sobre estarem defendendo as vontades da nação. Enquanto demonstram a dimensão da extensão do campo de embate e a influência e capacidade dos símbolos e como representações políticas no cotidiano da sociedade.

Aponta Febvre que: “O que é muito mais importante é que [...] as emoções são contagiosas”⁶. Por exemplo, as máscaras de carnaval, que eram usadas pelos contra revolucionários, se tornaram uma unidade simbólica dos medos das possíveis vicissitudes provocadas pelos revolucionários enquanto irradiavam o sentimento em forma de representação do orgulho em permanecer com os ideais tradicionais. Enquanto a estátua da liberdade tornava uma unidade simbólica o medo da tradição e irradiava a representação do sentimento de ansiedade pelo desfrute da virtude da liberdade. Em síntese, o intrínseco uso do símbolo na prática política consiste em usar da sua capacidade de absorver e unir

⁴ HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo. Tradução Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 2007. Pág. 77-78.

⁵ “Esses tipos de resistência simbólica à Revolução tinham raízes na cultura popular tradicional. Nos séculos XVI e XVII, as pessoas usavam as máscaras de carnaval e os santos locais para defender suas identidades coletivas contra as incursões dos bispos da Reforma e dos aspirantes a notáveis na localidade.” HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo. Tradução Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 2007. Pág. 92.

⁶ FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 3º edição. Portugal, Lisboa. Leonor Martins Simões e Gisela Moniz. Revisão do texto Wanda Ramos. Editorial Presença LTDA, 1989. Pág. 219.

sentimentos e emoções abstratas e convertê-los em representações dos sentimentos e emoções que endossaram os ideais e crenças políticas da Revolução no campo de embate, em que o vitorioso garantiria o monopólio sobre o controle simbólico nacional a fim de legitimar seu governo. Durante o período, o principal sentimento depositado nos símbolos era o medo, que era a raiz de outros sentimentos e emoções ramificados.

O sentimento fundamental que precede a Revolução era o medo da fome⁷. Em todas as cidades da França na época, o menor encarecimento do pão desenvolvia de rompanete uma inquietação generalizada. O abalo comumente se iniciava nos melancólicos quarteirões em que alojava os infaustos que recebiam entre 30 e 40 sous. A inquietação se dilatava principalmente quando a micha⁸ (um tipo de pão que pesava aproximadamente 840 gramas) alcançava preços superiores em relação aos seus pagamentos. A fome não limitava sua presença às cidades, o campesinato também a possuía. Os cadernos de queixas, responsável por reunir os incômodos da população em comunidades, e foi inventado para os Estados Gerais que na época o contestou como exagerado e enganoso, revelam a miséria que enredou a vida dos camponeses da época. O campesinato geralmente possuía numerosas famílias, e sua parca produção era insuficiente para alimentá-los, os obrigando a implorar empregos para pessoas que não raramente se aproveitavam de suas situações lhes pagando quantias pequenas por seus trabalhos. A alimentação dependia estritamente da colheita que podia variar de qualidade e generalizar o medo da fome.

A colheita do ano 1789 havia sido frustrante, e uma série de calamidades internacionais se aglutinaram. Uma série de conflitos políticos estavam acontecendo em torno da região Báltica, como a guerra entre Turquia e Rússia, fator que engendra os perigos da navegação, motivando que os mercados da Europa Central e Oriental se fechassem. Como que para acentuar a gravidade da situação, a Espanha proíbe a entrada de tecidos franceses.⁹ Fatores que certamente contribuíram para um declínio econômico na França e para o crescimento do medo da fome.

Uma espécie de receio se propagou ininterruptamente e em multifacetadas, que incluía a fome, e também a figura do bandido. Uma figura ambígua que serviu tanto para fomentar

⁷ LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro. Tradução de Cláudia Schilling. Campus. 1979. Pág. 25.

⁸ “Espécie de pão que pesava dois arráteis, o que equivale a 840 gramas (N. do T.)”.LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro. Tradução de Cláudia Schilling. Campus. 1979. Pág. 25.

⁹ Para uma análise detalhada, ver: .LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro. Tradução de Cláudia Schilling. Campus. 1979. Pág. 29.

pensamentos conspiratórios quanto para alimentar o embate no campo pelo controle simbólico, pois assumia características próprias atribuídos por grupos diferentes, enquanto a aristocracia lhe atribui á revoltosos famintos que roubariam suas comidas de suas propriedades, a maior parte da população Francesa lhe atribuía aos aristocratas. A propagação dos bandidos foi facilitada pois eram esperados, eles caminham entre os transeuntes, são vistos, são sentidos e ouvidos, fatores que provaram sua inquestionável existência. Os revolucionários interpretavam o medo consistente e coletivo como provas irrefutáveis da conspiração aristocrática, em que queriam disseminar o terror no pensamento do povo para confina-los nos trilhos que os guiaria de volta do Antigo Regime ou a abstrata baderna. Logo, a simultaneidade dos manifestos medos em todas as classes presentes na França se convertia em motins, como os de março e abril que ocorreram em todo o reino, e que paulatinamente cresciam durante o ano 1789 e bradaria a Revolução. Portanto, o sentimento predominante, a raiz dos demais, consiste no medo, elemento fundador dos símbolos do campo de embate.

O campo de embate pelo monopólio dos símbolos nacionais reuniu uma gama variada de participantes. O lado revolucionário contava com uma participação demasiadamente importante: Jacques Louis David. Esse que soube interpretar o medo presente no íntimo dos franceses, costurá-los em seus quadros enquanto os vertia em símbolos revolucionários que irradiavam o sentimento de superação através de novas virtudes e ideais. Sua relevância para os revolucionários pode ser notada pelo fato de que, no contexto da eliminação da distinção no vestuário, em maio do ano 1794, quando os revolucionários já possuem parcialmente o controle acerca do monopólio simbólico, o comitê de segurança pública solicitou ao artista sua opinião acerca de um traje nacional. Logo, a influência do campo de embate refletiu em seu trabalho acertadamente.

As formas tradicionais de ensino da arte, durante o século XVIII, que as academias gradualmente assumiram o lugar dos mecenas¹⁰, estimulou a invenção de uma nova forma de vender obras de arte, que consistia em promover uma exposição anual patrocinada pela academia em que seriam dispostas uma sobreposição de obras de seus alunos ao público que poderiam comprá-las. Antes do advento das academias, os artistas produziam sob demanda suas pinturas, e os clientes mais comuns eram membros da classe aristocrática que desejavam possuir seus retratos adornando suas casas. O efeito imediato dessa

¹⁰ Segundo Ernst H. Gombrich “O perigo estava no fato, antes mencionado, de que a pintura deixará de ser um ofício ordinário cujos conhecimentos eram transmitidos de mestre para aprendiz. Convertera-se, em vez disso, numa disciplina, como a filosofia, a ser ensinada em academias. [...] Assim, os antigos métodos, pelos quais os grandes mestres do passado tinham aprendido o seu ofício, triturando cores e ajudando os mais velhos, entraram em declínio.” Em GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. São Paulo. Tradução de Álvaro Cabral. Martins Fontes, 1995. Pág. 480.

transformação é a constante busca dos artistas em novos assuntos. Tradicionalmente a pintura mantém uma constante de desenhos sobre temas semelhantes, elemento que seria rompido com o advento da Revolução Francesa, como bem expressa Ernst Gombrich:

É curioso verificar até que ponto, antes de meados do século XVIII, era raro os artistas se desviarem dos estreitos limites da ilustração, pintarem uma cena de romance ou um episódio da história medieval ou de seu próprio tempo. Tudo isso mudou muito rapidamente durante o evoluir da Revolução Francesa. De repente, os artistas sentiram-se livres para escolher qualquer coisa como tema, desde uma cena de Shakespeare a um acontecimento do dia, o que quer que, de fato, apelasse para a imaginação e despertasse interesse. [...] Não por acidente, essa ruptura com as tradições estabelecidas na arte europeia foi realizada, em parte, por artistas que vieram para a Europa provenientes do outro lado do oceano — os americanos que trabalhavam na Inglaterra. Obviamente, esses homens sentiam-se menos vinculados aos costumes consagrados do Velho Mundo, e estavam mais dispostos a tentar novas experiências.¹¹

O autor cita, entre outros, o americano John Singleton Copley e Malone como representantes dessa virada. Portanto, de súbito, os artistas desenvolveram um ímpeto de se sentirem livres para retratar quaisquer temas. Inserido nesse contexto artístico Jacques Louis David, que no começo de sua carreira pintou retratos, se tornaria o principal artista ligado ao neoclassicismo do período, em que utilizaria a expressão do tema Antigo como um de seus principais recursos para a criação de suas pinturas captando o medo e o vertendo em novos sentimentos exemplificadas em episódios de virtudes heróicas. Artisticamente o período para a pintura não foi prolífico na criação de inovações artísticas, porém se configurou como importante armamento político no campo de embate.

De fato, as formas aplicadas nas pinturas de Jacques Louis David não apresentam inovações e possuíam precedentes. Expressar o retorno à Antiguidade e o movimento neoclássico eram ascensões precedentes à Revolução, tomando de exemplo o movimento neoclássico que se difunde a posteriori do ano 1750. As obras que mostram retratos de pessoas e a paisagem durante a Revolução, que formam a maioria das representações na pintura da época, não se configuram decisivamente no campo de embate, pois não são capazes de captar o medo e nem disseminar os ideais e sentimentos de seus criadores em prol de suas posições políticas. Porém, as pinturas de David são mais relevantes dentre as demais na França, pois J.L David tornou-se uma espécie de artista oficial dos revolucionários e suas pineladas os representaram no embate do campo. Legando os ideais simbólicos revolucionários a posteriori e os transcendendo no espaço e tempo

¹¹ GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. São Paulo. Tradução de Álvaro Cabral. Martins Fontes, 1995. Pág. 481-482.

revolucionário para a França contemporânea. Elementos que podem ser aprofundados pelo professor em sala de aula usando dos quadros para explicar a Revolução.

Figura 6 - Os lictores trazendo a Brutus os corpos de seus filhos (1789)



DAVID, Jacques-Louis. **Os Lictores Trazendo a Brutus os Corpos de seus Filhos** (*Les Licteurs rapportent à Brutus les corps de ses fils*), 1789. Óleo sobre tela, 323 cm × 422 cm. Museu do Louvre, Paris.

Disponível

em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Les_Licteurs_rapportent_à_Brutus_les_corps_de_ses_fils. Acesso em: [13/06/2025].

A obra “Os lictores trazendo a Brutus os corpos de seus filhos” é feita no ano em que se brada a Revolução. O contexto da obra remete os interlocutores à Roma Antiga, quando os dois filhos de Brutus, primeiro cônsul, haviam se unido aos Tarquínios e tramaram uma conspiração a fim de atacar a liberdade Romana, por conseguinte foram condenados à morte pelo pai. A composição costura os pormenores simbólicos revolucionários. Os Tarquínios haviam sido os últimos reis de Roma e descendiam da

primeira dinastia romana que concerne os reis etruscos, que simboliza a tradição, exercendo o assassinio dos aderentes da tradição significa perpetrar uma ininterrupta defesa em prol dos ideais de liberdade dos Romanos na peça e dos Franceses na metáfora. Tendemos a atribuir a figura do sentimento do medo sendo representado pela expressão da emoção feminina, que em uma distribuição de luzes se destaca na obra, entretanto a firme inflexibilidade do pai pode se referir ao sentimento de haver cumprido seu dever, suportando as imediatas consequências de defender os princípios da nação e não haver sucumbido ante o medo. Entremeando o horror explícito, David capta o sentimento de medo presente dos franceses, e representa o sacrifício da figura de Brutus como a própria superação desse sentimento, transformam o medo em sentimentos e emoções de superação em prol de algo maior que a própria vida, e que por conseguinte se torna um veemente ideal de devoção à nação, indicando que a grandeza exitosa das virtudes e ideais da nação, e sua perpetuidade, dependia dos sacrifícios individuais. Portanto, a defesa dos ideais e virtudes da Nação, do pensamento revolucionário, possuía uma importância maior que os destinos singulares dos indivíduos, pois os filhos, diz Starobinski, “pertencem doravante mais ao seu juramento que a si mesmos”¹². A grandeza da pátria e a perpetuidade de seus ideais exigem o sacrifício individual esse sentimento é irradiado principalmente pelo quadro de Brutus, que vencedor sobre a tradição dos reis etruscos e de seu medo individual, recebendo os corpos dos filhos enquanto cumpria seu juramento de proteger as virtudes fundamentais do povo.

Essa pintura pode ser utilizada para abordar em sala a maneira como os revolucionários mobilizaram o sacrifício individual como fundamento simbólico da virtude republicana. Ao expor a cena de Brutus recebendo os corpos dos filhos que condenou à morte, David representa visualmente a tensão entre laços afetivos e o dever político. O professor pode destacar que a imagem simboliza como os revolucionários buscavam construir uma nova virtude, na qual a grandeza da nação se sobrepunha aos interesses individuais.

¹² STAROBINSKI, Jean. **1789: os emblemas da razão**. São Paulo. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, 1988. Pág. 83.

Figura 7 - O juramento do jogo da Péla (1791).



DAVID, Jacques-Louis. **O Juramento do Jogo da Péla** (*Le Serment du Jeu de Paume*), 1791. Óleo sobre tela inacabado. Museu Nacional do Palácio de Versalhes, Versalhes. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Le_Serment_du_Jeu_de_Paume. Acesso em: [13/06/2025].

David, percebendo a agitação do momento histórico no qual estava integrado, também pintou atos contemporâneos dele. essa forma de representação pode ser compreendida segundo o autor Gombrich, que exprime: “Essas pessoas achavam estar vivendo tempos heróicos e que os acontecimentos de seus próprios dias eram tão dignos da atenção do pintor quanto os episódios da história grega e romana”¹³ referindo-se ao período da Revolução Francesa. Esse momento distinto é concebido por David na obra tecida em 1791 em que o autor revigora o ato de juramentar algo diante da efervescente multidão de deputados. A centralidade é direcionada para o deputado Jean-Sulan Bailly que sacramenta um auspicioso juramento proclamando a constituição, enquanto o deputado Martin Dauch é o único representado de braços cruzados que está sentado à direita de Bailly. O deputado Martin representa a tradição em forma de oponente político que sucumbe

¹³ GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. São Paulo. Tradução de Álvaro Cabral. Martins Fontes, 1995. Pág. 379

ante o medo e que manifesta sua insatisfação por Bailly, enquanto ele simboliza a vitória sobre a tradição, inspirando os demais deputados a confrontarem e superarem o medo utilizando das virtudes e ideais revolucionários. Os interlocutores do quadro tinham seus sentimentos e emoções ligadas ao medo imediatamente captados e incentivados a sobrepuja-los por sentimentos e emoções de superação cumprindo seus deveres. Por conseguinte, quando tomavam partido do lado revolucionário no campo de embate iriam colaborar para o estabelecimento das virtudes e ideais que eles representavam.

O quadro pode ser apresentado em sala de aula como uma representação do momento de ruptura institucional durante a Revolução. O professor pode explorar com os alunos o gesto coletivo do juramento como símbolo da unidade política em oposição ao Antigo Regime. Destacando a figura isolada do deputado que não adere, como representação da hesitação ou resistência à mudança. A análise dessa obra permite discutir o papel da participação política e da coesão simbólica para legitimar o novo regime, além de relacionar o gesto coletivo ao fortalecimento de um sentimento comum de pertencimento nacional.

Figura 8- Marat assassinado (1793)



DAVID, Jacques-Louis. **A Morte de Marat** (*La Mort de Marat*), 1793. Óleo sobre tela, 165 cm × 128

cm. Museu Real de Belas Artes da Bélgica, Bruxelas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Morte_de_Marat. Acesso em: [13/06/2025].

A simbólica obra de David se apresenta em 1793. Em um estudo de Carlo Ginzburg acerca especificamente desta obra de David escreve: “Não estamos diante de um simples quadro político, mas de um ato político”¹⁴. Portanto, a obra não foi construída apenas como fim estético, mas como representação política. A fiel representação dos momentos imediatamente posteriores ao assassinato de um dos mártires da Revolução assentado sobre seu juramento. Starobinski enfatiza que a pintura retrata a aceitação da morte como sacrifício pessoal em prol de algo maior defendido por Marat ao dissertar que:

{...} tratar-se-á de uma morte aceita e superada por antecedência. Pelo ato primeiro do juramento, o indivíduo consentiu em morrer para a sua vida pessoal: submeteu-se a uma finalidade onde se efetiva a essência do homem – liberdade –.¹⁵

Marat capta o sentimento de medo dos revolucionários acerca de uma das facetas das vicissitudes anti revolucionárias, em que a tradição tange com agressividade o corpo de um representante da liberdade a fim de desesperadamente se defender politicamente. Entretanto, seus esforços culminam em sua própria derrocada, pois o Marat significa a potência de um sacrifício para revelar a liberdade. O paradoxo de extinguir a liberdade com a morte em prol da liberdade, se resolve quando a liberdade é uma virtude que será legada. O campo de embate se faz evidente presença na obra, J.David retrata de forma oculta a tradição que consiste na dissimulada assassina Charlotte Corday e sua violência que tem por fim executar os ideais revolucionários simbolizados pela figura de Marat, entretanto, esse ato não o flagelou e o fez descobrir a liberdade em um sacrifício, um ideal superior a sua própria vida. Portanto, o autor capta o intrínseco sentimento de medo da morte infligida pelos contrários à Revolução e o lapida, o transfigurando no sentimento de liberdade, conquistado após um dever cumprido em prol da vontade da Nação de desfrutar da virtude da liberdade defendida pelos revolucionários.

Em sala de aula, a tela pode ser explorada como uma construção visual do martírio político. Ao trabalhar esta imagem, o professor pode discutir com os alunos como a representação de Marat morto, funciona como símbolo do sacrifício revolucionário e da devoção pela causa da liberdade. A obra transforma um assassinato em um gesto heroico e resignado, contribuindo para a formação de uma memória política. Podendo ser usada para

¹⁴ GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror. Quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo. Tradução de Federico Carotti, Júlio Castañon Guimarães e Joana Angélica d’Avila Melo. Companhia das Letras, 2014. Pág 33.

¹⁵ STAROBINSKI, Jean. **1789: os emblemas da razão**. São Paulo. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, 1988. Pág. 241.

provocar reflexões sobre como a imagem é mobilizada não apenas para relatar, mas para construir significados e legitimar ideais, no caso, a liberdade como valor que supera a própria vida.

Logo, as principais pinturas de J.L.David, doravante aos gritos retumbantes da Revolução, remetem à consciência dos participantes do campo de embate em arquétipos prestigiosos de defesa dos valores primordiais do homem. Esses que foram violados pela existência simbólica da monarquia, a fim de lembrá-los que seus medos deveriam ser superados em prol de uma perspectiva maior que suas próprias vidas, e seus sacrifícios serviam de inspiração para os demais.

Não especificamente, David extinguiu o medo através da arte, porém o fez deixar de ser necessariamente predominante. Ele costura junto a seus desenhos a figura da determinação que firmaria os ideais revolucionários que seriam responsáveis por conferir a forma do Novo Regime. A justiça e a sabedoria do rei foram desmembradas de seu corpo simbólico e transferidas para o Novo Regime. Essas principais obras de David, tecidas entre 1789 e 1793, quando os embates no campo possuíam dimensões extraordinárias, não apenas incentivaram os revolucionários e atenuaram sua determinação principal, mas também se configuraram como símbolos usados no embate do campo em prol do movimento revolucionário, que irradiavam principalmente o sentimento de esperança.

Ademais, a fim de concretizar a inserção dos valores do Novo Regime estabelecidos por intermédio dos símbolos,urgia a necessidade que esses símbolos tomassem o lugar dos valores e símbolos tradicionais preservados pelo Antigo Regime. Desde o âmbito planejado para a grandiosidade, como os festivais em que o campo de embate é explícito, quanto no cotidiano dos viventes. O ideal da liberdade, dentre outros ideais revolucionários, transcende a mera linguística e fundamento temático da filosofia durante a Revolução, para se tornar uma perspectiva buscada incansavelmente. Expressando uma nova mentalidade Francesa que para ser alcançada, utiliza-se dos símbolos para captar o sentimento predominante no íntimo dos franceses e os verter em novos que se irradiavam. Uma conjuntura em que J.L.David contribui magnanimamente em prol dos revolucionários. Criando uma das facetas mais irreverentes que a revolução propiciou, exprimindo toda a capacidade dos símbolos de captar e transformar os sentimentos humanos por meio da representação, montou-se o campo de embate pelo controle do monopólio simbólico nacional. Dentre as razões que tornam essa faceta do período revolucionário tão fascinante é a inexistência de um governo que não detenha práticas simbólicas próprias, tampouco símbolos próprios, que são formas adequadas de legitimação do governo.

Comumente tendemos a crer que o elemento fundacional do poder de um símbolo corresponde ao que ele define, equivale a atribuir à frase que o conceitua a totalidade e origem de seu significado. Entretanto sua conceitualização meramente confere um sentido pragmático de sua existência intermediada pela linguagem. A raiz que torna um símbolo poderoso consiste em irradiar sentimentos e reflexões próprias, ambas tecidas pelo mobilizador do símbolo ou do ideal representado. Fator que durante a Revolução engendra um campo de embate político sobre o controle do monopólio dos símbolos Nacionais. Fenômeno que legou para a posteridade suas obras, dentre elas as pinturas de Jacques Louis David, que na contemporaneidade servem de memória sobre a Revolução.

O historiador Pierre Nora designa o termo “lugares de memória”¹⁶ a fim de trabalhar sobre o campo operacional de transferência de uma experiência passada a pessoas que não estavam envolvidas quando elas foram concebidas. A configuração que permite essa transação de experiências passadas á contemporâneos funciona de três maneiras distintas enquanto que concomitantes. O aspecto simbólico e o funcional se articulam a fim de proporcionar uma experiência às pessoas que dela não participaram, interagindo entre si esses elementos formam um lugar de memória. Erigido sobre o material a ser comemorado, a simbologia que ele representa e funcionando como transmissão. A Revolução Francesa, seus símbolos e suas obras se constitui como um lugar de memória dos franceses. Eles remetem os contemporâneos à origem do período em que vivem, uma época que pode ser compreendida como um marco entre o antes e o depois. As obras de J.L.David, feitas primordialmente durante os anos revolucionários, são hoje uma forma de lugares de memória coletiva acerca da Revolução. Em que se concentra uma comemoração das virtudes e ideais que sobreviveram durante os séculos no país e seus esforços para serem estabelecidos na França.

¹⁶ Disponível em: NORA, Pierre; KHOURY, Tânia Youssef Aun. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo. Tradução: Yara Aun Houry. n. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: [10/02/2025].

CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho não se limitou à descrição de eventos históricos ou à simples reinterpretação da Revolução Francesa. Ele parte da perspectiva de investigar uma faceta do período que permanece pouco abordada na prática docente do ensino básico: o embate pelo monopólio simbólico. Ao focar na análise das obras de Jacques-Louis David feitas durante o processo revolucionário, demonstrou-se que a arte atuou como prática política na disputa de sentidos, dissipação e representação de ideais e mobilização emocional coletiva.

Diante da historiografia sobre a Revolução, optou-se por um recorte simbólico que evidencia não apenas os acontecimentos, mas sobretudo a construção dos sentimentos que os sustentaram. O medo, interpretado como sentimento essencial da experiência revolucionária, foi transformado em virtudes políticas por meio das imagens, transformando as obras de David em atos de intervenção simbólica na prática política. Essa perspectiva permitiu compreender como os símbolos não apenas representavam o poder, mas também o constituíam.

Ao analisar também a forma como os livros didáticos abordam essa perspectiva, tornou-se evidente a pouca interação dos materiais didáticos do ensino básico sobre essa interpretação e as limitações do livro didático. O uso de materiais didáticos auxiliares como recurso para o aprofundamento da Revolução em sala, pode auxiliar no aprofundamento da matéria em sala. Portanto, a presente proposta pedagógica oferece uma perspectiva para aprofundar a prática docente no ensino acerca da Revolução Francesa no ensino básico.

Ressalta-se que o presente trabalho não pretende esgotar o assunto. As disputas simbólicas são múltiplas, multifacetadas, variam conforme os contextos e demandam investigações contínuas. O recorte aqui feito - concentrado nas obras de J.L David - foi uma escolha metodológica consciente e delimitada, em que sua principal contribuição parte em demonstrar a potência pedagógica do símbolo como ferramenta de ensino, análise e crítica histórica.

Por fim, o que se defendeu ao longo desta pesquisa é que a prática docente de história no ensino básico pode dialogar com recursos didáticos auxiliares. Podendo se aprofundar nos sentidos, os símbolos, as práticas políticas e com as pinturas como reflexo da mentalidade revolucionária. A compreensão da Revolução Francesa como um campo de embate em prol do monopólio simbólico é fazer um convite à formação de sujeitos históricos capazes de perceber que a disputa pelo poder também se dá no plano das representações imagéticas e não simplesmente em datas ou discursos.

REFERÊNCIAS

Livros didáticos

Campos Flávio de. **História: escola e democracia/** Flávio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff.- 1. ed. –São Paulo: Moderna, 2018. - (história: escola e democracia).

Disponível

em:

<https://www.calameo.com/read/0028993278851e30b9d72?authid=hcbdXYJtK52w> Acesso

em: [13/06 2025].

Dias, Adriana Machado. **Jovem Sapiens História: 8º ano/** Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. – 1. ed. – São Paulo: Scipione, 2022. (jovem Sapiens).

Disponível

em:

<https://www.edocente.com.br/pnld/obra/jovem-sapiens-historia-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-a-nos-finais-ensino-fundamental/>. Acesso em: [13/06/2025].

Seriacopi, Gislane Campos Azevedo. **História por toda parte: 1º a 3º ensino médio: volume único/** Gislane Campos Azevedo Seriacopi, Reinaldo Seriacopi. – 1. ed.-- São Paulo:

FTD,

2024.

Disponível

em:

https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000080081p240100208040_cara-reduz. Acesso em: [13/06/2025].

Bibliografia consultada

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. Razão, religião e revolução: luzes e sombras nas telas de Jacques-Louis David. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 269-298, set.-dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/126849/123821>. Acesso em: [10/02/2025].

APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. **O rei-máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV**. Brasília. Tradução de Claudio Cesar Santoro. Edunb, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 17 jun. 2025.

ESCAVADOR. **Currículos e informações públicas de pessoas físicas**. Disponível em: <https://www.escavador.com/> . Acesso em: 5 ago. 2025.

FAVERSANI, Fábio. **Ler e escrever livros didáticos**. Hélade – Revista Eletrônica de História Antiga, número especial, 2001. Disponível em:

file:https://www.academia.edu/107136209/Ler_e_escrever_livros_did%C3%A1ticos_GTHA_2001 Acesso em: [15/06/2025].

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. 3º edição. Portugal, Lisboa. Leonor Martins Simões e Gisela Moniz. Revisão do texto Wanda Ramos. Editorial Presença LTDA, 1989.

FURET, François. **Pensando a Revolução Francesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Tradução de Luiz Marques e Martha Gambini. Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror. Quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo. Tradução de Federico Carotti, Júlio Castañon Guimarães e Joana Angélica d'Avila Melo. Companhia das Letras, 2014.

GOMBRICH, Ernst. **A história da arte**. São Paulo. Tradução de Álvaro Cabral. Martins Fontes, 1995.

HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo. Tradução Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 2007.

LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro. Tradução de Cláudia Schilling. Campus. 1979.

Le Monde. **Les Français, la tête près du bonnet**. *Le Monde*, 3 dez. 2013. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2013/12/03/les-francais-la-tete-pres-du-bonnet_3524488_3232.html?utm_source=. Acesso em: 5 ago. 2025.

NORA, Pierre KHOURY, Tânia Youssef Aun. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo. Tradução: Yara Aun Khoury. n. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: [10/02/2025].

RIBEIRO, AFM; VIEIRA, AMDP. **LIVRO DIDÁTICO E IMAGENS: UMA ANÁLISE DE SUA UTILIZAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA**. Revista COCAR, Belém. V.11. N.22, p. 444 a 477 – Jul./Dez. 2017 Programa de Pós-graduação Educação em Educação da UEPA <http://páginas.uepa.br/seer/index.php/cocar>

SARTORELLI, A. J. C. A conjuração dos mortos: Jacques-Louis David, artista do porvir. **ARS (São Paulo)**, v. 18, n. 38, p. 241-265, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2020.161952>. Acesso em: [10/02/2025].

STAROBINSKI, Jean. **1789: os emblemas da razão**. São Paulo. Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, 1988

STRÖCHER, Carlos Eduardo. **Aprendendo com imagens: a função das fontes visuais nos livros didáticos de História**. Aedos n. 11 vol. 4 - Set. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/30634/20852>. Acesso em: 27/07/2025.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa 1789-1799**. São Paulo. Tradução de Mariana Echalar. Editora Unesp, 2012.

Referências imagéticas

CAMPOS, Flavio de. **História: escola e democracia**/ Flávio de Campos, Regina Claro, Miriam Dolhnikoff.- 1. ed. –São Paulo: Moderna, 2018. - (história: escola e democracia). Pág. 61. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0028993278851e30b9d72?authid=hcbdXYJtK52w> Acesso em: [13/06 2025].

DAVID, Jacques-Louis. **O Juramento do Jogo da Péla** (Le Serment du Jeu de Paume), 1791. Óleo sobre tela inacabado. Museu Nacional do Palácio de Versalhes, Versalhes. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Le_Serment_du_Jeu_de_Paume. Acesso em: [13/06/2025].

DAVID, Jacques-Louis. **A Morte de Marat** (La Mort de Marat), 1793. Óleo sobre tela, 165 cm × 128 cm. Museu Real de Belas Artes da Bélgica, Bruxelas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Morte_de_Marat. Acesso em: [13/06/2025].

DAVID, Jacques-Louis. **Os Lictores Trazendo a Brutus os Corpos de seus Filhos** (Les Licteurs rapportent à Brutus les corps de ses fils), 1789. Óleo sobre tela, 323 cm × 422 cm. Museu do Louvre, Paris. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Les_Licteurs_rapportent_à_Brutus_les_corps_de_ses_fils. Acesso em: [13/06/2025].

DIAS, Adriana Machado. **Jovem Sapiens História: 8º ano**/ Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. – 1. ed. – São Paulo: Scipione, 2022. (jovem Sapiens).

Pág.

84.

Disponível

em: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/jovem-sapiens-historia-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/>. Acesso em: [13/06/2025].

DIAS, Adriana Machado. **Jovem Sapiens História: 8º ano**/ Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. – 1. ed. – São Paulo: Scipione, 2022. (jovem Sapiens).

Pág.

85.

Disponível

em: <https://www.edocente.com.br/pnld/obra/jovem-sapiens-historia-8o-ano-pnld-2024-objeto-1-anos-finais-ensino-fundamental/>. Acesso em: [13/06/2025].

SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo. **História por toda parte: 1º a 3º ensino médio: volume único**/ Gislane Campos Azevedo Seriacopi, Reinaldo Seriacopi. – 1. ed.-- São

Paulo: FTD, 2024. Pág. 159. Disponível

em: https://issuu.com/editoraftd/docs/immp0000080081p240100208040_cara-reduz.

Acesso em: [13/06/2025].